

La poesia e la condizione del dispatrio: la traduzione culturale e la (in)adattabilità

a cura di Mônica Simas, Ida Alves, Celia Pedrosa

A poesia e a condição de estrangeiridade: a tradução cultural e a (in)adaptabilidade

Mônica Simas

Università Ca' Foscari Venezia, Italia

Ida Alves

Universidade Federal Fluminense; CNPq, Brasil

Celia Pedrosa

Universidade Federal Fluminense; CNPq, Brasil

O presente volume reúne uma seleção de comunicações apresentadas no Colóquio internacional *La poesia e la condizione del dispatrio: la traduzione culturale e la (in)adattabilità*, realizado na Università Ca' Foscari Venezia, entre 28 e 30 de outubro de 2024, posteriormente submetidas a processo de avaliação por pares. O encontro propôs uma reflexão sobre a poesia contemporânea a partir da condição de *estrangeiridade*, compreendida em três acepções complementares: a geográfica, decorrente de deslocamentos ou migrações, de causas e características as mais diversas, associadas tanto à experiência do poeta quanto a situações socio-históricas coletivas; a discursiva, que diz respeito ao estranhamento constitutivo da linguagem poética, marcada por diferentes formas de figuração das tensões características da vida moderna e contemporânea; e uma dimensão intelectual, relativa à posição do poeta e à possível deslocação ou crise da própria identidade da poesia.

Inserido em um quadro de investigação sobre poéticas da alteridade, inicialmente centrado no eixo geopolítico Europa-América, o colóquio procurou interrogar de que modo a experiência



Diaspore 25

e-ISSN 2610-9387 | ISSN 2610-8860

ISBN [ebook] 979-12-5742-076-5 | ISBN [print] 979-12-5742-077-2

DOI 10.30687/979-12-5742-076-5/000

poética da estrangeiridade articula valores estéticos, filosóficos e políticos, encenando gestos de desestabilização e questionamento face a utopias da globalização e revelando nelas o convívio conflituoso e irresolvido entre linguagens, espaços e tempos diversos.

No ensaio de abertura, «Poéticas del dispatrio: oscilación, frontera y creación. Tres ejemplos: Vicente Soto, Almudena Vidorreta y Julio Plaza», Alessandro Mistrorigo propõe o conceito de dispatrio como categoria crítica capaz de deslocar o campo semântico tradicional do exílio e do desterro, ao enfatizar não a saída ou a substituição de um território, mas a oscilação contínua entre polos culturais, linguísticos e existenciais. A partir da reflexão de Luigi Meneghello, *dispatrio* é pensado como ‘corrente alternada’, um movimento que impede a estabilização do ponto de vista e obriga o sujeito a habitar o intervalo entre ‘aqui’ e ‘ali’. Essa condição, longe de se limitar à experiência biográfica, manifesta-se formalmente nas obras analisadas – na narrativa de Vicente Soto, marcada pela antítese entre Espanha e Inglaterra e pela instabilidade genérica; na poesia de Almudena Vidorreta, em que o deslocamento contemporâneo se articula à experiência urbana não monumental; e na obra intersemiótica de Julio Plaza, em que o entre-lugar se traduz em operações de tradução entre linguagens, suportes e sistemas de signos. Nesse sentido, o ensaio demonstra que o *dispatrio* não é apenas um tema, mas um princípio estruturante da criação. Ao aproximar essa dinâmica da noção de fronteira como espaço habitado, Mistrorigo permite pensar o *dispatrio* como uma verdadeira poética da liminaridade, em que identidade, linguagem e pertencimento são continuamente reconfigurados. Essa perspectiva inaugura, no volume, um eixo de leitura que atravessa os ensaios seguintes: a estrangeiridade não como exterioridade, mas como instabilidade constitutiva.

No ensaio seguinte, de Ida Alves, «Migrazioni tra il mondo e il linguaggio: *Uma viagem no japão*, di Luís Quintais», a obra do poeta português é abordada a partir de uma experiência biográfica de viagem que o levou ao Oriente. Nessa viagem, o interesse cultural e o estético se articulam à antropologia, disciplina de que o poeta é professor. Em 2020, o poeta publicou um livro intitulado *Regressarás à leveza do ver. Uma viagem no Japão*, no qual reflete sobre esse deslocamento registrado por fotos Polaroid de sua autoria. A cultura japonesa é vista por ele como signo de uma alteridade absoluta, que alimenta sua reflexão sobre o processo de arruinamento da sociedade ocidental e seus efeitos na configuração das subjetividades. Contra esses efeitos, a poesia de Luís Quintais propõe uma aventura lírica que, formulando-se na experiência de alteridade encontrada por ele numa experiência de leveza do ver, produz a singularidade crítica de suas imagens e marca sua força no panorama contemporâneo da poesia portuguesa. Nessa relação entre experiência de vida e de linguagem, o poeta e a ensaísta traçam relações com o ensaísmo de

Roland Barthes, outro viajante do Japão, e se valem de algum diálogo com Wittgenstein, no campo da filosofia da linguagem. Não se trata de idealismo cultural, mas de questionamento, no núcleo mesmo da linguagem alheia, sobre a condição de estrangeiridade frente a um espaço e a uma cultura que surpreende, que faz perder o caminho, que provoca outros modos de ver o que está à volta para libertar-se do domínio de uma língua internalizada ou de um logocentrismo que define o mundo ocidental.

Esse uso da ideia de estrangeiridade, que faz o lirismo superar a dicotomia entre exterioridade e interioridade, e afeta tanto a concepção de subjetividade quanto a de sistema cultural, orienta também o ensaio «Poéticas de florestania: herdeiros de Macunaíma ou de Makunaimi?», de Mônica Simas, que examina a circulação dessas duas figuras no contexto brasileiro. A autora propõe uma leitura crítica da interculturalidade, marcada por assimetrias e conflitos. A análise do Macunaíma de Mário de Andrade, em diálogo com estudos de Lúcia Sá e com a crítica indígena contemporânea – sobretudo de Trudruá Dorrico –, revela que a operação modernista pode implicar também processos de desterritorialização e anonimização de saberes originários, produzindo uma forma de universalização que obscurece diferenças ontológicas. É nesse ponto que emerge a noção de ‘literatura de retomada’, entendida como gesto de reconfiguração das condições de enunciação em que a reivindicação do nome, da autoria e da língua se articula a uma disputa política e epistemológica. A obra do autor indígena Jaider Esbell intensifica essa inflexão ao reinscrever Makunaimi como força ancestral, deslocando o problema da representação para o da presença e da performance e instaurando uma lógica em que arte, vida e cosmogonia se entrelaçam, convocando o leitor a atravessar um outro regime de mundo. A noção de *florestania*, inspirada em Ailton Krenak, surge aí como horizonte crítico que não apenas amplia o objeto da crítica literária, mas exige uma transformação de seus pressupostos.

A problemática da tradução entre sistemas de linguagem é aprofundada no ensaio «Mitopoemas yãnomam: transiti e traduzioni di una cosmologia», de Izabela Leal, que examina o projeto editorial Mitopoemas yãnomam como espaço de experimentação onde se cruzam oralidade, desenho e escrita. Partindo da constatação de que os povos indígenas são tratados como estrangeiros em sua própria terra, o ensaio debate os modos como a cosmologia yanomami é transposta para suportes e línguas ocidentais. O processo descrito – desenho, narração oral, tradução literal e adaptação – revela uma cadeia de mediações que não apenas transporta conteúdos, mas transforma radicalmente as condições de produção de sentido. Nesse contexto, o desenho assume papel central, não como ilustração, mas como primeira inscrição do saber, sugerindo uma concepção ampliada de escrita em que ver e conhecer se articulam de maneira indissociável. A análise

mostra ainda que a coexistência de versões textuais – especialmente entre a tradução literal e a adaptação literária – torna visíveis as diferenças entre sistemas culturais, produzindo um efeito de estranhamento que desafia o leitor. Tal operação aproxima-se da ideia de ‘erro controlado’ de Viveiros de Castro, na medida em que aceita que o texto estrangeiro deforma os instrumentos conceituais do leitor. Ao deslocar o centro da produção textual para a imagem e para a experiência visionária, o ensaio retoma o questionamento iniciado por Mistrorigo e Simas: a estrangeiridade, percebida na tradução, surge, assim, como prática relacional e política, intrínseca à linguagem, capaz de tornar presente uma cosmopoética que escapa aos parâmetros da escrita alfabética ocidental.

Outra dimensão dessa estrangeiridade é explorada no ensaio «Il paradosso dello ‘straniero di sé stesso’: La poesia ‘Natureza morta’ di Solange Sohl», de Susana Scramim, que analisa a poesia da escritora modernista Patrícia Galvão (Pagu) a partir da ideia de cisão do sujeito moderno. A leitura do texto «Natureza morta» evidencia então uma subjetividade feminina que se apresenta simultaneamente como objeto e sujeito da representação, como corpo fixado e exposto, numa imagem que remete à técnica da natureza-morta e à imobilização da vida. Essa condição é interpretada como efeito de uma operação social histórica que, no interior da modernidade capitalista e patriarcal, exclui o feminino da posição de sujeito, transformando-o em objeto de contemplação e controle. Ao mesmo tempo, o ensaio mostra como essa fixação é desestabilizada por uma oscilação de pontos de vista que aproxima o poema de procedimentos surrealistas. O objeto passa a falar, o sujeito se fragmenta, e o leitor é implicado nesse jogo de perspectivas, sendo também deslocado de sua posição. Em diálogo com a filósofa feminista italiana Silvia Federici – coincidentemente radicada estrangeiramente nos Estados Unidos – a análise inscreve essa dinâmica na história da objetificação das mulheres, revelando a poesia como espaço de resistência e de reconfiguração do olhar. Através dela, a estrangeiridade passa a ser compreendida como uma fissura interna do sujeito, ampliando o campo de reflexão aberto pelos ensaios anteriores às circunstâncias de gênero e situando-o num lugar aquém de dicotomias identitárias rígidas.

Já no ensaio de Patricia Lavelle, «Maria Lúcia Alvim: Immagini translingue, poetica transgenerazionale», a autora desloca a discussão sobre estrangeiridade para o campo da temporalidade e da inscrição historiográfica. Ao propor a noção de ‘poeta sem geração’, a autora questiona a pertinência das categorias geracionais tradicionais, mostrando como a trajetória de Alvim – marcada por publicações espaçadas e por uma recepção tardia – escapa às formas de legitimação baseadas na contemporaneidade imediata. A ideia de ‘constelação geracional’ permite, assim, pensar uma temporalidade descontínua, na qual obras e autores se relacionam por afinidades

eletivas, e não por proximidade cronológica. Essa desinscrição temporal se articula, no plano formal, a uma poética marcada pela colagem, pelo recorte e pela presença de múltiplas línguas. A prática ‘translingue’ identificada por Lavelle revela uma linguagem atravessada por deslocamentos internos, em que o português convive com o francês e o inglês, produzindo efeitos de estranhamento e de densificação sensorial. Ao mesmo tempo, a exploração de registros arcaicos, técnicos e regionais configura um movimento duplo de escavação e expansão da própria noção de língua nacional ou vernacular. Nesse sentido, a obra de Alvim pode ser compreendida como um ponto de convergência entre deslocamento temporal e deslocamento linguístico, reforçando a ideia, já presente nos ensaios anteriores, de que a estrangeiridade opera desde o interior da própria linguagem, interior esse que passa a ser percebido, paradoxalmente, como alimentado e mobilizado pela experiência do fora.

Essa reconfiguração da relação historiográfica reaparece sob outra forma no ensaio «Minha senhora, tem um Mallarmé em casa? Angélica Freitas e o diálogo constelar com a tradição poética moderna», de Maria. A. Fontes, dedicado à poesia de Angélica Freitas, que investiga o diálogo crítico da autora com o cânone moderno. Partindo das noções de constelação e de poesia ‘pós-utópica’ em Haroldo de Campos, o ensaio mostra como Freitas reinscreve figuras como Mallarmé, Rilke e Pound em circuitos cotidianos e na cultura de massa, operando uma dessacralização que não elimina a tradição, mas a dessacraliza. Poemas como «Rilke Shake» e «Estatuto do desmallarmento» introduzem uma lógica de banalização produtiva, em que a alta cultura é submetida a processos de mistura, consumo e circulação, questionando sua autoridade simbólica e suas formas de recepção no contexto brasileiro. Nesse sentido, a análise evidencia que a poesia de Freitas não se limita a parodiar o cânone, mas o transforma em repertório instável, ativando uma dissonância que atravessa tanto a forma poética quanto a historiografia literária. A ‘devolução’ de Mallarmé figurada no envio de seus livros de volta à França explicita ainda uma inversão dos gestos modernistas de apropriação do estrangeiro e de internacionalização do nacional, ao mesmo tempo em que revela a persistência do cânone como fantasma estrutural. Ao articular humor, cultura pop e crítica da recepção, o ensaio mostra como a contemporaneidade se define não pela ruptura com a tradição, mas por sua reconfiguração irônica, abrindo-a a novas leituras e tensões.

A reflexão sobre tempo, espaço e percepção é retomada no ensaio «Esiste un ponte tra le rovine e il cielo: La poesia di Marília Garcia», de Viviana Bosi, que examina a poesia a partir de outra forma de meditação sobre a articulação entre esses dados. A autora destaca como a obra de Garcia se constrói por meio de procedimentos intermediários – fotografia, cinema, mapas – e de estruturas iterativas

que desafiam a linearidade temporal. Motivos recorrentes, como o da ponte, ou o gesto de fotografar diariamente o mesmo lugar, instauram uma poética da repetição que não fixa o instante, mas o desloca, abrindo-o à variação. Nesse contexto, a atenção ao 'infraordinário', trazida pela poeta de Georges Perec, torna-se central: a poesia não busca o extraordinário, mas intensifica o que está próximo, banal e aparentemente invisível. A análise evidencia também que essa insistência na repetição e na observação minuciosa produz uma forma de temporalidade espessa, na qual passado e presente se sobrepõem em camadas. A imagem – seja fotográfica, cartográfica ou cinematográfica – funciona como dispositivo de suspensão, interrompendo o fluxo narrativo e impondo ao leitor um regime de contemplação. E a relação com o leitor é mesmo constitutiva dessa poética: o sentido não está dado, mas se constrói no movimento conjunto entre diferentes leituras e percepções que fazem o mesmo, captado por vezes no mínimo detalhe, retornar diferido. Assim, a poesia de Marília Garcia se configura como uma prática de desaceleração e de resistência ao presentismo, articulando uma forma de atenção que, ao mesmo tempo, recolhe vestígios do passado e abre a possibilidade de um futuro ainda não visível – uma 'ponte' entre as ruínas e o céu.

Essa problematização temporalizada da percepção visual encontra uma inflexão distinta no ensaio «Um teste de resistência: Da estrangeiridade em Marília Garcia», de Pedro Eiras, que também se debruça sobre a obra da mesma autora. Mas vai abordá-la a partir da articulação da ideia de fronteira à associação paradoxal entre dispositivos de mobilidade e dispositivos de controle. O conceito de 'teste', usado pela poeta, é tomado pelo ensaísta também como chave interpretativa da condição do estrangeiro, entendido como aquele que é submetido a procedimentos de verificação que o transformam em objeto de exame, diagnóstico e cerceamento. A análise do episódio do teste oftalmológico – em que se exige a leitura de um texto de Diderot – revela o paradoxo: o sujeito que lê é simultaneamente aquele que está sendo lido, inscrito em um dispositivo que combina saber, poder e legitimação cultural em função mesmo de cânones literários e linguísticos. Nesse sentido, o ensaio evidencia que a experiência convencional da estrangeiridade é mediada por uma estrutura assimétrica que opõe quem avalia e quem é avaliado, produzindo uma relação de sujeição que atravessa tanto o corpo quanto a linguagem. A escrita de Marília Garcia se propõe justamente a desestabilizar essa lógica, ao construir uma outra poética do entre-lugar, marcada por deslocamentos e sobreposições de espaços e tempos. A identidade emerge, assim, como um efeito instável de contatos e fricções com o outro, e a poesia torna-se oportunidade de exposição e reconfiguração dos dispositivos de poder e saber que estruturam a experiência contemporânea da mobilidade.

A dimensão de estrangeiridade como reivindicação radicalizada na outridade aparece, no ensaio «A dança da vida nos versos de Ana Estaregui», de Vera Lúcia de Oliveira, deslocando o debate para o campo de um conceito que ultrapassa a alteridade antropocêntrica ao propor uma relação com o outro irreduzível – animal, vegetal ou mineral. A partir do livro *Dança para cavalos*, a autora mostra como a poesia de Ana Estaregui constrói uma experiência de descentramento do sujeito, na qual o eu abre-se à incorporação de outras formas de vida por meio de processos de fusão, metamorfose e simbiose. O poema deixa de ser representação para tornar-se espaço de experimentação ontológica, em que o sujeito tenta coincidir com aquilo que não é, atravessando as fronteiras entre espécies. Essa operação implica uma crítica ao antropocentrismo e às hierarquias que estruturam o pensamento ocidental, aproximando-se tanto de perspectivas filosóficas, como as de Jacques Derrida, quanto de saberes indígenas tal como valorizados pela antropologia relacional, já mencionada anteriormente, de Eduardo Viveiros de Castro, entre outros. A análise destaca, nesse sentido, a dimensão corporal e sensorial dessa poética, na qual a linguagem se expande para acolher múltiplas vozes e ritmos, configurando uma espécie de ‘corpo cósmico’ em que os viventes se interligam. Nesse contexto, a poesia surge como espaço ético e sensível de reconexão com o mundo, propondo uma forma de coexistência que não se baseia na separação, mas na continuidade e na interdependência entre os seres, mantida e estimulada pela força constitutiva da estrangeiridade.

Já no ensaio de Paula Glenadel, «‘ora capisci perché sono tornata?’: L’Andromaca di Luiza Romão e gli esili della poesia» a poesia é analisada a partir da reativação crítica da figura de Andrômaca, que, deslocada da tradição clássica, passa a funcionar como operador alegórico das violências contemporâneas. A repetição de ‘Troia’ articula uma montagem que faz colidir diferentes temporalidades, aproximando o passado épico das formas atuais de violência política, social e de gênero. Em diálogo com Baudelaire e com a tradução dele feita pela também poeta Ana Cristina Cesar, o ensaio evidencia uma poética marcada pela sobreposição de vozes e pela instabilidade enunciativa, em que o lirismo se afasta da expressão individual para assumir uma dimensão coletiva. A análise mostra ainda como essa escrita se constitui como uma ‘ação da poesia’, nos termos do poeta e crítico francês Jean-Christophe Bailly, ao operar sobre a memória histórica e ao dar voz a sujeitos marginalizados. A ideia de espectralidade, mobilizada a partir de Jacques Derrida, permite compreender essa poesia como espaço de escuta dos mortos e de reivindicação de sua herança de luta pela justiça. Nesse movimento, o lirismo, ou pós-lirismo, reconfigura-se numa zona híbrida com o épico, assumindo uma função reparadora que, no entanto, longe de pacificar identidades, age politicamente através da exposição das

fraturas do presente e da reinscrição da tradição como campo de tensão e disputa.

Finalmente, em seu texto «La decocalizzazione poetica di Rodrigo Damasceno: localismo, migrazione e stranierità», Celia Pedrosa analisa os livros *Casa do Norte* e *Limalha*, do poeta Rodrigo Lobo Damasceno. Neles focalizando o modo como a tradicional experiência de migração do nordestino brasileiro para a região sudeste do país é usada alegoricamente para figurar a ‘desgeografia’ como experiência de estrangeiridade que retoma e ao mesmo tempo desestabiliza identidades regionais e nacionais. Por essa via, a experiência biográfica do poeta se transforma em impulso de articulação entre tempos e espaços os mais distintos, solicitando desde a memória ancestral paterna à memória de leitura de escritores vários nos quais de diferentes modos podemos encontrar tematizada a experiência da viagem e do exílio. Esta permite aproximar, por exemplo, o romancista chileno contemporâneo Roberto Bolaño e o trovador florentino Guido Cavalcanti, aproximando também línguas, gêneros e formas discursivos. Nesse jogo de articulação e memória, o ensaio tenta mostrar a produtividade de um cosmopolitismo da perda, noção cunhada pelo crítico argentino Mariano Siskind. Através dela somos convidados a pensar uma ideia de luta ética e política que permita irmanar, como migrantes, sujeitos que se reconheçam estrangeiros a si mesmos, objetos de diferentes formas de exclusão e violência, em cuja prática de vida e discurso a saudade da origem, ou das origens, ao invés de nostalgia, convive com a vontade de transformação individual e coletiva.

No seu conjunto, portanto, os ensaios confirmam a pertinência das questões levantadas pelo Colóquio, ao mostrarem como a poesia contemporânea opera como uma prática de tradução ampliada – entre línguas, tempos, espaços e regimes de sentido. Deste modo, a condição do *dépaysement*, como a chamou o filósofo francês Jean-Luc Nancy, emerge como paradigma da experiência moderna e contemporânea que faz da própria subjetividade um lugar de estranhamento de si, um estado de permanente inadaptabilidade, em que a poesia, longe de estabilizar identidades, inclusive a sua própria, expõe e intensifica tensões, deslocamentos, diferenças, que atuam como perguntas sobre o passado e o presente e fabulam mundos e futuros talvez ainda possíveis.